

# Max Nettlau - historiador e anarquista<sup>1</sup>

## Max Nettlau – historian and anarchist

Jochen Schmück\*

[schmueck@edition-espero.de](mailto:schmueck@edition-espero.de)

**M**ax Nettlau (1865-1944)<sup>2</sup> ainda é considerado o historiador mais produtivo e importante do anarquismo. Sua *Geschichte der Anarchie* (História da Anarquia)<sup>3</sup> é o relato histórico mais detalhado e abrangente das ideias e esforços de liberdade radical que podem ser atribuídos ao anarquismo. Isso se refere especialmente à história antiga e das origens, bem como à história do anarquismo organizado internacionalmente até a década de 1930. Mesmo mais de três quartos de século após sua morte, a pesquisa sobre o anarquismo continua a se beneficiar do trabalho historiográfico de Nettlau. Entretanto, Nettlau não foi apenas um historiador especializado em anarquismo, mas, como anarquista convicto, também tentou influenciar o desenvolvimento do movimento anarquista.

Quem foi Max Nettlau, o que ele fez e o que ele pensava serão discutidos a seguir.

<sup>1</sup> Este texto foi traduzido por Ricardo Lenard. Sua versão original foi publicada pela Revista Espero e pode ser encontrada no link a seguir: [SCHMÜCK, Jochen. Max Nettlau – Historiker und Anarchist. \*Espero, Libertäre Zeitschrift\*, Potsdam, n. 1, jul. de 2020.](#)

\* Nascido em 1953, vive em Potsdam/Alemanha. Estudou ciência da comunicação/jornalismo, história e ciência política na Universidade Livre de Berlim. Autor e editor de publicações na *Libertad Verlag* ([www.libertadverlag.de](http://www.libertadverlag.de)) desde 1976. Cofundador do projeto de pesquisa e documentação "*Datenbank des deutschsprachigen Anarchismus*" e do DadAWeb ([www.DadAWeb.de](http://www.DadAWeb.de)), o portal on-line para pesquisa sobre anarquia e anarquismo em alemão. Desde 2020, ele é coeditor e autor da revista não dogmática-libertária *Espero* ([www.edition-espero.de](http://www.edition-espero.de)). Juntamente com Andreas W. Hohman, da Edition AV, recebeu o Prêmio Erich Mühsam 2013 da Sociedade Erich Mühsam por seu trabalho editorial.

<sup>2</sup> Para a vida e obra de Max Nettlau, veja, principalmente Rudolf Rocker (1978), bem como Manfred Burazerovic (1996).

<sup>3</sup> Os três primeiros volumes da *Geschichte der Anarchie* foram publicados entre 1925 e 1931 por “*Der Syndikalist*”, Fritz Kater (Berlim). Após a Segunda Guerra Mundial, reimpressões dos três primeiros volumes da obra foram publicadas por *Auvermann (Glashütten i. T.)*, *Impuls (Bremen)* e *Bibliothek Thélème (Münster)*. O quarto e quinto volumes da obra foram publicados pela primeira vez pela Topos-Verlag (Vaduz/Liechtenstein). A *Libertad Verlag (Potsdam)* está atualmente trabalhando na publicação de uma edição multimídia da história da anarquia, cujo primeiro volume foi publicado em 2019. Esta edição é publicada tanto em livro impresso tradicional quanto em versão digital de acesso gratuito pela Internet. A versão online da edição da obra e mais informações sobre o projeto desta edição podem ser encontradas no site do projeto: [www.geschichte-der-anarchie.de](http://www.geschichte-der-anarchie.de).

## 1. Vida

Carl Hermann Max Nettelau nasceu em 30 de abril de 1865 em Neuwaldegg, naquela época, um pequeno vilarejo nos bosques de Viena, onde ele, segundo seus próprios dados, viveu uma infância feliz. Ele foi decisivamente influenciado em seu desenvolvimento por seu pai, Heinrich Herman Reinhard Nettelau (1830-1892), que veio originalmente da Prússia Oriental e, a partir de 1858, trabalhou inicialmente como jardineiro e depois como jardineiro da corte do Príncipe Schwarzenberg da Áustria. Seu pai, que simpatizava com a Maçonaria, Nettelau o descreve como uma pessoa extremamente tolerante e de mente livre, e esse amor pela liberdade, que já era fortemente manifesto em seu pai, também se tornaria, para Max Nettelau, a principal força motriz de sua vida e mais tarde o levaria ao anarquismo.

A família Nettelau vivia no terreno do extenso parque do castelo em um confortável apartamento de jardineiro com um grande jardim particular. A criação despreocupada em natureza livre teve contribuído para que Nettelau desenvolvesse mais tarde uma visão nitidamente "naturalista" do mundo. Isso também moldou a maneira como ele trabalhou mais tarde como historiador, vale dizer, parecido com um biólogo: coletar, inventariar e descrever era seu método. Sua compreensão posterior da anarquia e do anarquismo também estava enraizada na vida de amante da natureza que Nettelau pode levar em sua infância e juventude. Sua imagem da sociedade socialista libertária ideal se assemelhava à vida na natureza, na qual tudo se desenvolve harmoniosa e livremente se receber luz e oportunidades suficientes para se desenvolver.

Depois que Max Nettelau se formou em uma escola secundária particular em Viena, em 1882, ele foi para a Alemanha, onde estudou linguística comparativa indo-europeia, primeiro em Berlim e mais tarde em Leipzig e Greifswald. Ele estava particularmente interessado em estudar os idiomas celtas, especialmente o galês, e em 1887 concluiu seu doutorado na Universidade de Leipzig com uma tese sobre *Beiträge zur cymrischen Grammatik (Einleitung und Vocalismus)*.

De fato, Nettelau foi incrivelmente talentoso com idiomas e seu interesse pela linguagem nunca o abandonou durante toda a vida. Além de sua língua nativa, o alemão, ele falava e escrevia fluentemente inglês e francês, e conseguia ler, além de espanhol e italiano, vários idiomas eslavos, entre eles o russo. Os estudos linguísticos de Nettelau o levaram à Inglaterra em 1885, para onde viajou várias vezes nos anos seguintes, até 1913, para continuar

seus estudos linguísticos no Museu Britânico de Londres e na *Bodleian Library* da Universidade de Oxford.

Em Londres, Nettlau entrou em contato com ativistas do movimento socialista internacional e, no outono de 1885, tomou-se membro da *Socialist League*, que havia sido fundada alguns meses antes e à qual pertenceu até sua dissolução em 1901. Por meio da *Socialist League*, Nettlau conheceu socialistas ingleses, como William Morris, um dos cofundadores da organização, e Edward Carpenter, bem como socialistas e anarquistas internacionais que viviam no exílio em Londres como refugiados políticos. Foram esses encontros que despertaram seu interesse pela história do socialismo e do anarquismo. A partir de 1887, ele começou a registrar sistematicamente as conversas que teve com socialistas e anarquistas de todas as convicções.

Os primeiros ensaios históricos de Nettlau apareceram em 1890/91 na *Freiheit*, publicado por Johann Most em Nova York, que na época tinha como subtítulo *Internationales Organ der Anarchisten deutscher Sprache*. Os artigos de Nettlau sobre a história do anarquismo e do socialismo liberal logo atraíram o interesse de representantes influentes do movimento anarquista internacional da época, como Pjotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921), da Rússia, Élisée Reclus (1830-1905), da França, Errico Malatesta (1853-1932), da Itália, e Rudolf Rocker (1873-1958) e, mais tarde, Gustav Landauer (1870-1919), da Alemanha, que o apoiaram vigorosamente em suas pesquisas históricas e atividades de coleta.

Seu pai, que faleceu em 1892, havia lhe deixado uma pequena fortuna, o que lhe permitiu concentrar-se inteiramente na pesquisa da história das ideias e das origens do socialismo libertário e do anarquismo como um "estudioso autônomo" independente. Com o passar dos anos, Nettlau tornou-se um especialista na história do surgimento do anarquismo organizado internacionalmente. Até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Nettlau viveu por alguns meses em Paris e Londres alternadamente, onde passava a maior parte do tempo pesquisando na Bibliothèque Nationale ou na Biblioteca do Museu Britânico. O resto do ano ele passava em Viena.

Os livros, folhetos, revistas, recortes de jornais, catálogos, folhetos, cartazes, gráficos, manuscritos, cartas e outros registros e documentos coletados por Nettlau como parte de suas atividades de pesquisa fornecem uma boa visão da história do anarquismo organizado e das atividades de seus apoiadores no final do século XIX e início do século XX. Como Nettlau não apenas prosseguiu, com incrível meticulosidade, com sua pesquisa, mas também com a construção de sua coleção, depois de alguns anos ela cresceu a tal ponto que precisou ser

guardada em vários locais. A maior parte de sua coleção foi armazenada em Londres, mas Nettlau também tinha depósitos em Paris, Munique e Viena e, mais tarde, também em Ascona.

Observando a extensa obra de Nettlau e sua coleção igualmente impressionante, impõe-se a impressão de que aqui estava um homem que dedicou toda a sua vida à pesquisa da história do anarquismo. E essa impressão não é enganosa. Quando Nettlau buscava uma pausa em seus estudos históricos, ele fazia excursões pela natureza ou estudava ornitologia. Max Nettlau revelou muito pouco sobre sua vida privada. Nem mesmo seus amigos mais próximos sabiam que ele havia ficado noivo em Viena, em 1900, e que mantinha um relacionamento há sete anos - embora fosse sempre interrompido por suas viagens de pesquisa. Eles só ficaram sabendo disso depois que sua noiva Theresia Rosalia Bognar morreu em 28 de maio de 1907, após uma breve e grave doença.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914, Nettlau foi privado de seus contatos com amigos no exterior e de partes de sua grande coleção. Além disso, ele não pôde mais fazer suas viagens anuais de pesquisa por quatro anos. No entanto, o fim da guerra não trouxe nenhuma melhora; pelo contrário, a situação de Nettlau piorou, pois ele perdeu sua fortuna devido à inflação, que antes lhe permitia realizar suas atividades de pesquisa e coleta livremente. Ele só conseguiu sobreviver ao período imediato do pós-guerra porque recebeu pacotes de cuidados dos Quakers. Ele retribuiu o favor escrevendo artigos para o *Christian Science Monitor* com relatos da Áustria, o que deve ter custado muito esforço ao ateu declarado. A partir do final de 1919, Nettlau recebeu apoio de amigos do movimento anarquista na Inglaterra e nos EUA (especialmente de anarquistas falantes de iídiche do movimento), que lhe enviaram dinheiro e pacotes de alimentos. Posteriormente, Nettlau começou a escrever para várias revistas e editoras anarquistas internacionais<sup>4</sup>, o que lhe proporcionou uma renda modesta até o final da década de 1920, o que lhe permitiu continuar seu trabalho de pesquisa.

Depois que a situação econômica de Nettlau melhorou um pouco no início da década de 1920, ele continuou suas viagens de pesquisa, que haviam sido interrompidas pela guerra. De 1922 até a chegada dos nacional-socialistas ao poder, ele viajou para Berlim quase uma vez por ano, onde visitou amigos e conhecidos - como Rudolf Rocker e John Henry Mackay -, bem como seus parentes por parte de mãe, em Potsdam. Acima de tudo, porém, Nettlau usava essas

<sup>4</sup> Segundo próprio depoimento, para Nettlau, o mais importante foram os honorários que recebeu pelos seus livros através das editoras “*Der Syndikalist*” em Berlim, “*La Protesta*” em Buenos Aires, “*Revista Blanca*”, “*Solidaridad Obrera*” e “*Guilda de Amigos del Libro*”, em Barcelona e “*Risveglio*” em Genebra. Ver: Nettlau (1969, p. 466).

viagens a Berlim para suas pesquisas nos arquivos e bibliotecas de lá (por exemplo, a Biblioteca Estadual Prussiana ou o Arquivo do Partido Social Democrata).

Desde a primavera de 1924, Nettlau escrevia artigos para a revista anarquista *Revista Blanca*, publicada em Barcelona pela família Montseny (Urales). A família o convidou para ir a Barcelona em 1928, onde ele passou a primavera e o verão estudando arquivos e bibliotecas, visitando testemunhas vivas do movimento e conhecendo várias outras personalidades do anarquismo espanhol. A partir de então, ele viajou para a Espanha quase todos os anos por um tempo para pesquisar a história do anarquismo espanhol, mas também para conhecer o movimento libertário atual nesse país, onde as ideias anarquistas encontraram um terreno mais fértil do que em qualquer outro país da Europa.

O acaso queria que Nettlau, em sua viagem à Espanha em 1936, testemunhasse o levante revolucionário contra o golpe fascista de Franco, em Barcelona, em 19 de julho, pelos trabalhadores da Catalunha, a maioria dos quais estavam organizados na CNT anarcossindicalista e na FAI anarquista. Em seus estudos históricos, Nettlau havia se concentrado no surgimento e no curso de quase todas as revoluções e levantes revolucionários da era moderna, dos quais os anarquistas sempre saíram perdedores. Agora, na Espanha, ele subitamente se viu no meio de uma revolução social apoiada por princípios anarquistas e na qual o movimento libertário era a força política mais forte. No entanto, apesar de sua revolta bem-sucedida na Catalunha, como os anarquistas não eram fortes o suficiente para prevalecer contra todos os inimigos de sua revolução à direita e à esquerda, só lhes restaram uma escolha, de acordo com um de seus líderes, Juan Garcia Oliver: "Ou o comunismo libertário, que equivalia a uma ditadura anarquista, ou a democracia, que significava colaboração" (apud BERNECKER, 1989, p. 66).

A participação dos libertários espanhóis na Generalitat catalã (governo regional autônomo da Catalunha) e no governo central republicano espanhol gerou uma grande controvérsia no movimento anarquista espanhol e internacional. Nettlau foi um dos que simpatizaram com a participação da CNT/FAI no governo, já que a luta contra o fascismo também lhe parecia uma prioridade em uma perspectiva internacional, como ele explicou em uma carta a Rocker:

Se a Espanha for derrotada, o fascismo triunfará em toda a Europa e, provavelmente, também fora dela. O estado total é o maior perigo hoje em dia e, enquanto ele não for superado, o progresso social estará fora de questão. Qualquer pessoa que não seja um reacionário consciente e não queira trabalhar

diretamente nas mãos do fascismo deve entender isso hoje (Max Nettlau apud ROCKER, 1978, p. 296).<sup>5</sup>

Infelizmente, Nettlau estava certo nessa avaliação. Com o triunfo internacional do fascismo, que já havia começado no início da década de 1920 (Itália, 1922; Argentina, 1931; Alemanha, 1933; Espanha, 1939), que levou à destruição do movimento libertário e de seus editores nos países em que os fascistas chegaram ao poder, a situação econômica de Nettlau começou a se deteriorar novamente.

Nettlau já havia pensado em como sua coleção, que estava armazenada em vários depósitos e causava altos custos contínuos de armazenamento, poderia ser protegida a longo prazo por meio de doação ou venda a um arquivo ou biblioteca adequados. Compreensivelmente, ele achou muito difícil doar sua coleção, que, juntamente com suas obras históricas, constituía o trabalho de sua vida. No entanto, sob a pressão de suas circunstâncias cada vez mais degradantes, Nettlau finalmente se separou de sua coleção, que foi adquirida pelo Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (IISG) em Amsterdã, em 1935, onde se encontra até hoje<sup>6</sup>.

Quando Nettlau viajou para Amsterdã no inverno de 1937 para ver e usar sua coleção completa pela primeira vez no IISG, seu amigo Rudolf Rocker recomendou que ele ficasse na Holanda ou, se isso não fosse possível, buscasse refúgio com amigos na Suíça. Mas Nettlau não quis saber disso e voltou para Viena. Então, quando a Wehrmacht marchou para a Áustria em 12 de março de 1938 para executar a anexação ao Terceiro Reich, Nettlau estava de volta a Amsterdã. Agora ele não podia mais voltar para a Áustria. O fato de que seus manuscritos e livros ainda armazenados em seu apartamento em Viena puderam ser salvos foi graças à corajosa bibliotecária do IISG, Annie Adama van Scheltema<sup>7</sup>, que também cuidou dele pessoalmente em Amsterdã até sua morte.

Em 10 de maio de 1940, a Wehrmacht alemã ocupou a Holanda neutra como parte de sua ofensiva ocidental e, pouco tempo depois, em 15 de julho de 1940, o IISG foi fechado pela polícia de segurança alemã. A autoridade para se desfazer do IISG foi dada à força-tarefa de

<sup>5</sup> A carta é apresentada sem data por Rocker.

<sup>6</sup> A coleção de Max Nettlau arquivada no IISG, pelo menos no que se refere aos manuscritos e correspondências de Max Nettlau, atualmente está amplamente digitalizada e pode ser acessada gratuitamente no site do IISG.

<sup>7</sup> Annie Adama van Scheltema (ou melhor, Anna Catharina Kleefstra) era a “especialista” do IISG quando se tratava de organizar transportes ilegais para salvar coleções historicamente valiosas. Além da coleção de Nettlau em Viena, entre outras coisas, também salvou a coleção de Marx-Engels do Arquivo da SPD em Copenhague, o arquivo do Sindicato Geral dos Trabalhadores Judeus da Polônia, a Biblioteca Robert Danneberg e as coleções de Gustav Landauer e Josef Peukert, antes que os nazistas as apreendessem.

Alfred Rosenberg, o Reichsleiter para os territórios ocupados, que confiscou as coleções do instituto - incluindo a coleção de Max Nettlau - e as transportou para a Alemanha. A partir de então, Nettlau viveu em isolamento quase completo na Amsterdã ocupada, e o que mais o afligia era o fato de não poder mais usar sua coleção para suas pesquisas e de ter que temer que ela tivesse sido perdida para sempre como resultado do saque nazista. Max Nettlau morreu em 23 de julho de 1944, vítima de uma úlcera estomacal inoperável e, provavelmente, também de desnutrição em um hospital em Amsterdã, apenas um ano antes de o regime de terror nacional-socialista ser finalmente derrotado e esmagado.

## 2. *Obra*

Quando Nettlau começou a estudar as origens do anarquismo no final da década de 1880, já havia um movimento anarquista muito ativo na Europa e na América do Norte, mas não havia nenhuma pesquisa acadêmica sobre o anarquismo na época. O termo "anarquismo" já havia se tornado um chavão político popular nessa época, com os governos europeus alimentando uma fobia geral ao anarquismo sob a impressão de vários assassinatos políticos realizados por anarquistas, nos quais o "anarquismo" era associado ao terror, ao medo e ao horror. Max Nettlau, portanto, abriu novos caminhos com sua pesquisa sobre a história do anarquismo internacional. Seu primeiro artigo histórico, publicado em janeiro/fevereiro de 1890 no *Freiheit*<sup>8</sup>, editado por Johann Most em Nova York, abordou o tema do anarquismo de forma secundária, ocupando-se do antigo anarquista francês Joseph Déjacque, que Nettlau apresentou aos leitores do jornal como um desconhecido "precursor do anarquismo comunista". Pouco tempo depois, ele também publicou seu primeiro artigo explicitamente "*Zur Geschichte des Anarchismus*"<sup>9</sup> (Sobre a história do anarquismo) no *Freiheit*, que formou o primeiro bloco de construção, por assim dizer, para a fundação da historiografia abrangente do anarquismo internacional de Nettlau.

Nettlau estava estudando a biografia do lendário revolucionário social russo Mikhail A. Bakunin desde 1888. De janeiro a abril de 1891, o *Freiheit* publicou seu artigo "*Zur*

<sup>8</sup> O *Freiheit*, fundado por Johann Most (1846-1906) e publicada desde 3 de janeiro de 1879, apenas em Londres, depois em Paris e na Suíça e, a partir de 1882, em Nova York, foi um dos órgãos mais duradouros do anarquismo germanófono. Veja também a descrição bibliográfica da liberdade, publicada até 1910, na DadA-Pressedokumentation: URL: <http://ur.dadaweb.de/dada-p/P0001852.shtml>.

<sup>9</sup> O artigo apareceu, sem mencionar o autor, em série no *Freiheit – Internationales Organ der Anarchisten deutscher Sprache*, publicado por Johann Most em Nova York (de 19 de abril a 17 de maio de 1890). Pouco depois, também apareceu separadamente como um livreto sob o título *Die historische Entwicklung des Anarchismus* (O desenvolvimento histórico do anarquismo) na coleção de escritos *Internationale Bibliothek* (No. 16, New York, 1890, 16 p. [2ª ed. 1894]), ligada ao *Freiheit*.

*Biographie Bakunins*", que marcou o início de sua intensiva pesquisa posterior sobre Bakunin. O resultado de sua pesquisa sobre Bakunin foi a principal biografia de Bakunin, *The Life of Michael Bakounine / Michael Bakunin*, publicada pela Nettlau no verão de 1900. Uma biografia que o autor teria reproduzido com as próprias mãos 50 cópias em uma chamada "auto copiadora", "o que lhe deu total independência de todas as considerações práticas de espaço e tempo, e de tipógrafos e editores" (NETTLAU, 1969, p. 452). Com exceção de uma cópia, que ele vendeu, e uma cópia, que ele trocou por outra, Nettlau deu as cópias restantes de sua biografia de Bakunin a amigos e bibliotecas. A obra, que compreende três volumes com um total de 1.292 folhas grande, deve ser considerada ainda hoje como o relato biográfico mais detalhado e a coleção de material sobre a vida e a obra de Bakunin até hoje<sup>10</sup>.

Por sugestão de Élisée Reclus, que ele havia conhecido na França em dezembro de 1891, Nettlau começou a compilar uma bibliografia em 1895, cujo objetivo era incluir toda a literatura anarquista internacional, inclusive todos os periódicos (jornais e revistas) que haviam sido publicados em vários países até aquele momento. A bibliografia foi publicada em 1897 na *Bibliothèque des Temps Nouveaux*, em Bruxelas, sob o título *Bibliographie de l'Anarchie*, com um prefácio de Élisée Reclus, no qual ele escreveu: "Devo admitir que não sabia que éramos tão ricos: Fiquei muito surpreso com a importância dessa coleção, que nem sequer está completa" (RECLUS, 1897)<sup>11</sup>

De fato, o apoio que Nettlau recebeu de seus amigos e companheiros em sua pesquisa e na construção de sua coleção foi surpreendentemente grande. Isso foi possível, porque ele foi um excelente "networker" que conseguiu construir uma grande rede mundial de apoiadores ao longo dos anos e décadas, que regularmente lhe fornecia informações e novas publicações<sup>12</sup>. Não havia quase ninguém em seu círculo de amigos e conhecidos que não fornecesse regularmente informações e/ou publicações a Nettlau.

A principal obra historiográfica de Max Nettlau é sua *Geschichte der Anarchie*, publicada a partir de 1925. Com essa obra de sete volumes, dos quais apenas os três primeiros

<sup>10</sup> Uma reimpressão desta obra auto publicada foi publicada em Milão em 1971 pela Feltrinelli Editore em uma pequena edição de 70 exemplares. Seções individuais desta obra foram publicadas nas revistas *Der Sozialist - Organ für Anarchismus-Sozialismus* (Berlim) e *Der arme Konrad* (Berlim) em 1898-1899. Para a história da edição, veja também: (ECKHARDT, 1994, p. 62).

<sup>11</sup> Tradução do autor.

<sup>12</sup> Como mostra a correspondência geral na Coleção de Max Nettlau arquivada no IISG Amsterdam, Nettlau passou muito tempo escrevendo cartas. Seu legado contém cartas de mais de mil correspondentes de todo o mundo, no qual manteve contato inicialmente com muitos socialistas e mais tarde principalmente com anarquistas. Nettlau guardou toda a sua correspondência do período de 1882 a 1919 (e provavelmente também a do período seguinte), o que representa, portanto, uma valiosa fonte histórica.

foram publicados durante a vida do autor, Nettlau lançou as bases para uma historiografia abrangente e transnacional do anarquismo, da qual a pesquisa sobre anarquismo se beneficiou enormemente posteriormente. O próprio Nettlau entendeu sua *Geschichte der Anarchie* de forma bastante modesta como um alicerce historiográfico da qual ele esperava que o trabalho pudesse ser completado e aprofundado posteriormente por meio de estudos especializados, mas também por meio de referências suplementares de seus leitores. Assim, ele escreve no final do primeiro volume:

Os capítulos anteriores são pouco mais do que uma moldura e são passíveis de grande arranjo, tanto por meio de estudos especializados em cada um dos numerosos campos, quanto pela abertura de um novo terreno libertário, por meio de pesquisas nas muitas partes da história e da literatura desconhecidas para mim. (NETTLAU, 2019, p. 302).

E em uma nota de rodapé, ele precisou sua esperança de obter apoio para sua obra dos leitores de seu "trabalho"<sup>13</sup> da seguinte forma:

A pré-formação da anarquia, até 1864, como é apresentada aqui, poderia facilmente ser complementada e aprofundada substancialmente por algum trabalho de biblioteca realmente internacional, e um livro de 500 páginas, em vez deste livro de 200 páginas, faria então alguma justiça ao extenso assunto; somente então outras investigações provavelmente seriam capazes de expandir consideravelmente a área conhecida. Que outros façam a pesquisa que me foi negada e realmente resgatem do esquecimento a pré-história da anarquia, que só poderia ser iniciada aqui.

Um volume subsequente deverá conter detalhadamente o desenvolvimento até aproximadamente 1880 e, a partir de 1880, em um esboço mais rudimentar, talvez com uma perspectiva para o futuro. - Suplementos e aprimoramentos do presente volume podem ser comunicados aqui, se os leitores do livro os informarem, como fazem, sobretudo, com material teórico e histórico sobre a história das ideias da anarquia. (NETTLAU, 2019, p. 303).

Mais tarde, alguns críticos repreenderam Nettlau por escrever mais para historiadores e menos para o público leitor em geral. Dessa maneira, pode-se seguramente ver isso, porque suas obras sobre a história do anarquismo, especialmente sua grande *Geschichte der Anarchie*, não são realmente relatos históricos populares. Ela é fortemente dominada por detalhes históricos, a que torna muito fácil perder o contexto histórico mais amplo ao lê-las. A leitura de suas obras históricas também é dificultada pela tendência de Nettlau a dados bibliográficos e, de fato, a *Geschichte der Anarchie* às vezes se assemelha mais a uma bibliografia anotada do que a um relato histórico convencional. Por outro lado, o trabalho de Nettlau sobre a história da anarquia foi muito elogiado por especialistas. Por exemplo, o historiador Gustav Mayer, cuja

<sup>13</sup> Esta esperança não correspondida, durante a vida de Nettlau, de cooperação entre o autor e os seus leitores é tornada possível pela edição multimídia da História da Anarquia publicada pela Libertad Verlag, ver: [www.geschichte-der-anarchie.de](http://www.geschichte-der-anarchie.de).

própria pesquisa histórica se concentrou em Ferdinand Lassalle e Friedrich Engels, escreveu em sua crítica para o *Frankfurter Zeitung*:

Mesmo que ele tenha conseguido apenas parcialmente apresentar ao leitor uma história intelectual do período, o que ele desenterrou com estupenda perícia de milhares de jornais, resenhas e panfletos antigos e dispersos, representa um enorme enriquecimento do material de origem e torna o livro um tesouro para todo pesquisador que lida com a época entre a grande Revolução Inglesa e a grande Revolução Russa e fica de olho nas correntes que homenageiam o conceito de liberdade no sentido de exigências absolutas. (NETTLAU apud Rocker, 1978, p. 62).

Para sua *Geschichte der Anarchie*, Nettlau inicialmente escolheu uma abordagem baseada na história das ideias, porque foi precisamente nas ideias que Nettlau encontrou o principal apelo do anarquismo. Como as ideias vêm dos indivíduos, Nettlau inicialmente se concentrou nos criadores de ideias libertárias que contribuíram para o surgimento do meio cultural que serviu de base filosófica para o anarquismo moderno que surgiu mais tarde.

No entendimento de Max Nettlau, a história nunca foi algo fechado, mas, como a natureza, estava em um estado de constante mudança. Ao mesmo tempo, a maneira de Nettlau escrever a história estava à frente de seu tempo, pois ele concentrou sua pesquisa no que mais tarde seria chamado de "contra-esfera-pública", ou seja, uma forma de esfera pública que, em contraste deliberado com o público "dominante", queria tornar tópicos, problemas ou grupos sociais negligenciados ou suprimidos acessíveis ao público em geral. Dessa forma, ao escolher as fontes para sua "história pelos de baixo", Nettlau concentrou-se menos nas obras publicadas sobre seus tópicos de pesquisa, que podiam ser encontradas em todas as principais bibliotecas, e mais na mídia do contra-esfera-pública crítico do sistema, que não podia ser encontrada lá, ou seja, em primeiro lugar, jornais e revistas, mas também folhetos, panfletos e pôsteres.

E como ele estava ciente de que alguns dos ativistas do movimento anarquista, que coincidentemente deixaram pouco ou nenhum rastro jornalístico, foram ignorados também pela mídia anarquista, Nettlau buscou contato com eles desde o início para entrevistá-los diretamente como testemunhas contemporâneas.

Embora a *Geschichte der Anarchie* seja, sem dúvida, a *Opus Magnum* de Max Nettlau, ela deve sempre ser vista no contexto de seus outros trabalhos historiográficos. Além da principal biografia de Bakunin e de várias obras menores, publicadas separadamente, que tratam da vida e da obra de Bakunin, Nettlau publicou outras obras biográficas de igual importância para a pesquisa sobre o anarquismo, como a do anarquista italiano Errico Malatesta

(NETTLAU, 1922)<sup>14</sup>, em 1922, e a do geógrafo e anarquista francês Élisée Reclus (NETTLAU, 1928), em 1928, ambos os quais, ao lado de Pjotr A. Kropotkin, estavam entre os influentes representantes internacionalmente do anarquismo comunista. Como historiador, também era importante para Nettlau rastrear os primeiros precursores das ideias e defensores já no seu tempo desconhecidos ou esquecidos do anarquismo que haviam desenvolvido e propagado ideias libertárias durante sua vida<sup>15</sup>.

Além das obras já mencionadas, Nettlau escreveu inúmeros ensaios históricos menores sobre a história do anarquismo internacional e seus representantes até sua morte, que foram publicados como artigos e/ou brochuras em vários idiomas<sup>16</sup>. Durante muitos anos, ele escreveu artigos sobre questões históricas e atuais do anarquismo para a imprensa anarquista internacional. De fato, durante sua vida, Nettlau contribuiu para quase todos os principais periódicos anarquistas, para citar apenas alguns dos mais importantes internacionalmente: *La Revista Blanca* (Barcelona), *La Protesta* (Buenos Aires), *Freedom* (Londres), *Freie Arbeiter Stimme* (Nova York), *Die Internationale* (Berlim) e *Les Temps Nouveaux* (Paris).

Além das obras e escritos menores publicados durante sua vida, o espólio de Nettlau no IISG de Amsterdã contém outros manuscritos de trabalhos até agora não publicados, que representam uma mina de ouro quase inesgotável de fonte material, utilizada pelos pesquisadores, sobre a história do anarquismo moderno.

### 3. Ideias

Foi a ideia da anarquia, a visão de uma sociedade livre de dominação e baseada na solidariedade, que despertou o interesse do jovem Max Nettlau pelo socialismo libertário e pelo anarquismo. Portanto, era lógico que, como historiador, ele inicialmente escolhesse uma abordagem de história das ideias para pesquisar a história deles. Entretanto, Nettlau se entendia não apenas como um historiador que estudava as ideias anarquistas de outros, mas também desenvolvia e defendia suas próprias ideias anarquistas, com as quais tentava influenciar o desenvolvimento ideológico do movimento anarquista internacional. Como historiador,

<sup>14</sup> Uma tradução para o alemão apareceu com o título: *Die revolutionären Aktionen des italienischen Proletariats und die Rolle Errico Malatestas*. Berlin, Karin Kramer Verlag, 1973.

<sup>15</sup> Nettlau contou as seguintes pessoas entre os primeiros pensadores do anarquismo: “Recentemente considerei quais anarquistas, nos primeiros cem anos, por volta de 1760 a 1860, poderiam ser considerados pensadores originais que deram um impulso real, e encontrei os doze seguintes: Sylvain Maréchal, Godwin, Josiah Warren, Proudhon, Max Stirner, J. J. May, Bakunin, Bellegarrigue, Élisée Reclus, Cœurderoy, Déjacque, Pisacance. (NETTLAU, jul. 1930, p. 208).

<sup>16</sup> Uma bibliografia infelizmente incompleta das monografias, ensaios, artigos e volumes manuscritos de Nettlau encontra-se em (ROCKER, 1978, p. 307 -331).

entretanto, era importante para ele extrair da história as experiências e lições que serviriam de base para a nova sociedade socialista libertária. Em suas memórias, Nettlau descreveu sua autocompreensão como historiador libertário e as consequências que tirou das lições da história para seu trabalho como anarquista no presente da seguinte forma:

Meu interesse pela história não deve, de forma alguma, concluir que sou apegado a modelos e tradições e que olho para trás - *loin delà!* O que considero apropriado para o presente, tenho dito muitas vezes e consistentemente desde 1891, depois de realmente ter recebido muitas impressões esclarecedoras em 1889-90, as quais atribuo o fato de ter começado a pensar em 1891. Historicamente, encontrei muito mais material e argumentos para advertência do que para imitação. A partir da análise de Bakunin e Malatesta, as causas de seus fracassos surgiram para mim, e assim foi com a grande maioria das pessoas e problemas que examinei mais de perto. Isso não me deixou nem desapontado nem resignado, mas apenas convencido de que novos caminhos devem ser buscados. Se alguém rejeita o passado, esse alguém sou eu. De tudo, eu tirei relativamente estas duas as lições: que as pessoas estão muito separadas umas das outras devido aos diferentes graus de seu desenvolvimento e que, portanto, as diferenças de meios e métodos são a necessidade comum, da qual resultam a tolerância, a coexistência pacífica, a vizinhança, dessa maneira, muitos outros deveriam reconhecer isso e ter agido neste sentido, na medida em que a luta contra a injustiça e a solidariedade com estas vítimas faz-se possível (NETTLAU apud BURAZEROVIC, 1996, p. 63).

Nettlau publicou seus primeiros artigos políticos e históricos na primavera de 1888 no *The Commorweal*, um jornal cofundado por William Morris e publicado em Londres de 1885 a 1894 como o órgão da *Socialist League*. Naquela época, o movimento anarquista internacional era amplamente orientado pelas ideias do príncipe anarquista russo Pjotr Alexeyevich Kropotkin, que vivia exilado em Londres e vinha de uma antiga família da aristocracia russa e havia desenvolvido o conceito de anarquismo comunista em suas publicações na década de 1880<sup>17</sup>. Pelo menos nos primeiros anos de seu envolvimento político, Nettlau também foi um firme defensor do anarquismo comunista. Mais tarde, porém, em retrospectiva, ele criticou bastante sua fixação dogmática no comunismo anarquista da época, escrevendo

Eu mesmo, tacanho e limitado como era na época, escrevi uma defesa do anarco-comunismo em 1890, que incluía uma refutação completa do coletivismo e do individualismo, um artigo que Mella traduziu e publicou no *El Productor* para mostrar sua tacanhez e estupidez... Eu não vi esses artigos até 1929. Por volta de 1900, eu mesmo cheguei à conclusão de que era necessário superar o sectarismo em todas as suas formas, mas raramente me deram ouvidos e, quando coloquei essa questão em discussão no *Freedom*

<sup>17</sup> Para a teoria do anarquismo comunista de Kropotkin, veja Michael Lausberg (2016). O ensaio de Kropotkin, publicado na primeira edição de *Espero: Moralidade Anarquista*, trata do conceito de “ajuda mútua” de Kropotkin, que constitui a base sócio filosófica de sua teoria do comunismo anarquista. Editado e fornecido com exemplos da história da recepção por Rolf Raasch, em: (KROPOTKIN, 2020).

(Londres), no início de 1914, recebi a oposição de todos (NETTLAU, 1978, p. 159).

Nettlau se refere a seu artigo *Anarchism: Communist or Individualist?* Ambos, publicado na revista *Freedom* em março de 1914, no qual ele escreve:

"O anarquismo não é mais jovem, e talvez seja hora de nos perguntarmos por que, com toda a energia dedicada à sua propaganda, ele não está se espalhando mais rapidamente. Pois mesmo onde a atividade local é mais forte, os resultados são limitados, enquanto vastas esferas ainda são pouco tocadas pela propaganda. [...]

Considerarei apenas as teorias do anarquismo; e aqui há muito tempo me chama a atenção o contraste entre a grandeza dos objetivos do anarquismo - a maior realização possível da liberdade e da prosperidade para todos - e a estreiteza, por assim dizer, do programa econômico do anarquismo, seja ele individualista ou comunista. [...] Eu mesmo tenho a sensação de que nem o comunismo nem o individualismo, se fossem as únicas formas econômicas, realizaram a liberdade, que sempre requer uma escolha de caminhos, uma multiplicidade de possibilidades. [...] Esse estado de coisas desejável poderia ser preparado a partir de agora se fosse claramente entendido de uma vez por todas entre os anarquistas que tanto o comunismo quanto o individualismo são igualmente importantes e duradouros, e que a dominação exclusiva de qualquer um deles seria a maior desgraça que poderia acontecer à humanidade. Tememos o isolamento na solidariedade, buscamos alívio da sociedade excessiva no isolamento: tanto a solidariedade quanto o isolamento são, no momento certo, respectivamente, liberdade e ajuda para nós. (NETTLAU, 1914, p. 20)<sup>18</sup>

Entretanto, Nettlau não só lutou contra as tendências sectárias do anarquismo, como também criticou o papel desempenhado pelo marxismo nos movimentos socialistas internacionais. Para Nettlau, o que Marx e Engels e seus seguidores propagavam presunçosamente como "socialismo científico" e para cujo programa de realização eles reivindicavam um papel de liderança no movimento socialista internacional, eram simplesmente produtos de um espírito sectário fanático.

Dessa forma, ele também não conseguiu aceitar o conceito marxista de luta de classes, pois Nettlau não acreditava nas missões históricas de classes ou nações selecionadas. Em vez disso, ele se concentrou na sociedade em sua totalidade complexa, vendo-a como um organismo social de várias camadas. Para ele, o progresso social era o resultado dos esforços dos elementos mais progressistas de cada classe, uma questão cultural humana, por assim dizer. Como Nettlau não aceitava o conceito marxista de luta de classes, é compreensível que ele não tenha

<sup>18</sup> Uma reimpressão deste artigo também apareceu na revista *Mother Earth* (Nova York), editada por Emma Goldman. 9º ano. Número 5. (julho de 1914). págs. 170-176. Veja também a versão de seu ensaio, publicada em tradução alemã e com introdução historiográfica: *Anarchismus: Kommunistisch oder individualistisch? Beides.* (1914). *Ein Schlüsseldokument des „Anarchismus ohne Adjektive“*. Traduzido do inglês, editado e com introdução de Jochen Schmück, In: *Espero. Libertäre Zeitschrift* (Potsdam), nº 0 (janeiro de 2020), p. 47-80.

desenvolvido grande simpatia pelo postulado de luta de classes adotado do marxismo pelos sindicalistas revolucionários e anarco-sindicalistas. Na verdade, ele também lutou contra o conceito sindicalista de luta de classes em seus escritos, porque rejeitava a ideia de filiação de classe em geral:

A 'divisão de classes' é um fetichismo ridículo, pois toda classe é composta dos mesmos elementos que qualquer outra: Ambição, falsidade e inveja - e uma minoria de conhecedores, progressistas e aprendizes. O mesmo acontece com a outra falsa doutrina: que qualquer classe pode ser subjugada, aterrorizada, forçada a qualquer sistema, mas não educada, preparada para uma vida consciente e livre – pois a liberdade não inclui competição, vitória da habilidade superior e cultura superior? Tudo o que significa uniformidade é estranho às nossas exigências!

Nós, anarquistas, só podemos avançar em direção a uma realização parcial de nossos objetivos espirituais em uma atmosfera de generosa liberalidade, boa vontade e compreensão mútua (NETTLAU, 1951, p. 19)<sup>19</sup>

Nettlau criticou o sindicalismo, assim como fez com todas as outras grandes organizações de trabalhadores, por estar demasiadamente integrado ao sistema do capitalismo e do Estado predominantes, sem que ficasse claro até que ponto eles eram ou não adequados para a criação de novas instituições sociais. Em sua opinião, o sindicalismo era bastante útil como um movimento para a autodefesa dos trabalhadores e para o aprofundamento das ideias socialistas gerais. Mas, no que diz respeito aos planos futuros desenvolvidos pelos sindicalistas para a reorganização da nova sociedade, Nettlau foi tão crítico quanto foi em relação a todas as outras tendências do socialismo que queriam atribuir um papel de liderança à classe trabalhadora no processo de mudança social.

Justamente porque Nettlau também havia lidado intensamente com a história das revoluções em sua pesquisa sobre o anarquismo, ele era bastante cético em suas expectativas em relação às chances de preservar as conquistas sociais das revoluções. A história das revoluções nos tempos modernos ensinou a Nettlau que uma revolução anarquista nunca poderia ser bem-sucedida se fosse realizada por pessoas que ainda estivessem presas às formas de pensar do antigo sistema social predominante ou que tivessem apenas uma visão limitada (por exemplo, apenas econômica) das pessoas e da sociedade.

Nettlau não esperava que houvesse uma revolução em um futuro próximo que pudesse ser realizada exclusivamente pelos movimentos libertários. De fato, ele até mesmo advertiu

<sup>19</sup> Segundo dados da redação, o artigo de Nettlau apareceu originalmente no jornal espanhol *VIA LIBRE* (n. 14, 15 de jan. de 1940), que provavelmente era a revista espanhola de exilados *Via Libre. Organó de la Federación Libertaria*, publicada em Nova York a partir de 5 de mar. 1939 (nº 1) até 19 de julho de 1940 (nº 21).

contra o surgimento de tal "situação" (NETTLAU, jul. 1928 e ago. 1928)<sup>20</sup>, como ocorreu, pelo menos inicialmente, nos primeiros meses da Revolução Espanhola de 1936, na qual o poder político caiu nas mãos dos anarquistas e anarco-sindicalistas espanhóis praticamente da noite para o dia após 19 de julho. Mais do que qualquer outra revolução anterior, a Revolução Espanhola evidenciou um dilema do anarquismo, ou seja, o fato de que os anarquistas não tinham resposta para a questão de como deveriam se comportar em uma revolução na qual o slogan não poderia ser anarquista.

Max Nettlau não foi a única pessoa no movimento anarquista internacional a defender a coexistência pacífica de movimentos anarquistas diferentes e muitas vezes conflitantes. Depois de se distanciar gradualmente dos conceitos do anarquismo comunista no início da década de 1890, Nettlau desenvolveu um conceito de anarquismo que ele mesmo rotulou de "anarquismo sem adjetivos"<sup>21</sup>. O termo, que hoje é mais conhecido como "anarquismo sem adjetivos", foi introduzido por dois anarquistas espanhóis, Fernando Tarrida del Marmol e Ricardo Mella, no final da década de 1880 (NETTLAU, 1981, p. 120-145)<sup>22</sup>, e visões semelhantes as deles também foram defendidas pelo anarquista italiano Errico Malatesta, pelo anarquista russo Volin, pelo anarquista francês Sebastien Faure, pela anarquista americana Voltairine de Cleyre e pelo anarquista judeu-americano Jacob Maryson. Esses representantes do "anarquismo sem adjetivos" criaram as bases ideológicas a partir das quais um anarquismo pragmático moderno se desenvolveu após a Segunda Guerra Mundial, que emergiu em uma ampla variedade de movimentos sociais, culturais e políticos - como Nettlau e outros representantes do anarquismo sem adjetivos esperavam.

As ideias anarquistas de Nettlau também eram modernas em outro aspecto, já que sua visão nitidamente naturalista, que moldou não apenas sua compreensão da anarquia e do anarquismo, mas sua visão do mundo como um todo, também o faz aparecer como pioneiro do eco anarquismo que surgiu na década de 1960, desenvolvido e popularizado no mundo anglo-americano e na Holanda por Colin Ward, Murray Bookchin e Roel van Duijn, e que desde então se tornou uma importante pedra angular ideológica de todos os movimentos libertários<sup>23</sup>.

---

20

<sup>21</sup> Para isso, veja também meu ensaio *Max Nettlau und der Anarchismus ohne Adjektive*. In: *Graswurzelrevolution* (Münster), nº 444, dez. de 2019, p. 20-21, e, nº 445, Jan de 2020, p. 20-21, bem como o ensaio de Nettlau reeditado por mim e munido com uma introdução historiográfica: *Anarchismus: Kommunistisch oder individualistisch? Beides*. (1914), sobre o "anarquismo sem adjetivo" ver páginas 73-77.

22

<sup>23</sup> Ver, por exemplo, a sua resposta a uma carta do leitor de Pierre Ramus na edição de maio da *Freedom* 1914, na qual Nettlau alerta para as consequências ecológicas, políticas e sociais catastróficas da sobreexploração

Os prognósticos às vezes sombrias de Nettlau para o futuro podem ter parecido excessivamente pessimistas para seus contemporâneos otimistas em relação ao progresso. Mas Nettlau não era pessimista. Pelo contrário, ele era um otimista cético que ansiava por um futuro para a humanidade no qual as pessoas voltariam a viver em harmonia com a natureza em uma sociedade livre de dominação e solidariedade, caracterizada como anarquia por sua grande diversidade de relações sociais, correntes culturais e formas econômicas de organização. Nettlau também exigiu essa diversidade organizacional e tolerância ideológica dentro dos movimentos libertários que estavam lutando por essa anarquia, porque

O anarquismo é a vida, a própria vida em toda a sua versatilidade, liberada da doença da autoridade e dos parasitas do estado, da propriedade, da religião, da nacionalidade e de outros parasitas, os exploradores parasitas que a autoridade gera - e essa vida se moverá entre a atividade coletiva e a individual, a solidariedade e a liberdade, o comunismo livre e o individualismo em infinitas variações e nuances (NETTLAU, 2019, p. 200).

## Referências Bibliográficas

BERNECKER, Walter L. Revolution oder Reformismus? Zur Veränderung anarchistischer Positionen im Spanischen Bürgerkrieg. In: KLEINSPEHN, Thomas / MERGENER, Gottfried (editores): *Mythen des spanischen Bürgerkriegs*. Grafenau: Trotzdem Verlag, 1989. p. 61-74. P. 66.

BURAZEROVIC, Manfred: *Max Nettlau*. Der lange Weg zur Freiheit, Berlin: OPPO Verlag, 1996.

ECKHARDT, Wolfgang. *Michail A. Bakunin*. Bibliographie der Primär-und Sekundärliteratur in deutscher Sprache. Berlin/Colônia: Libertad Verlag, 1994. P. 62.

JONG, Rudolf de. Biographische und bibliographische Daten von Max Nettlau, março, 1940, In: *International Review of Social History*, Assen, Band 14. Nummer 3, 1969, p. 466.

KROPOTKIN, Pjotr. Anarchistische Moral. Com comentários de Rolf Raasch. *Espero*, No. 1, jan. 2020, p. 101 – 146.

LAUSBERG, Michael. *Kropotkins Philosophie des kommunistischen Anarchismus*. Münster: Unrast Verlag, 2016.

NETTLAU, Max. Anarchism – Communist or Individualist? Both, in: *Freedom*, London. 28. Jahrgang. Nummer, n. 299, März 1914.

NETTLAU, Max. *Errico Malatesta: Das Leben eines Anarchisten*. Berlin: Verlag „Der Syndikalist“, 1922.

---

desenfreada da terra e dos seus recursos naturais, uma alerta que existe hoje - onde somos confrontados com as consequências da crise climática em todo o mundo - parece assustadoramente profético. Mas não são apenas os danos ambientais preocupam Nettlau, como consequência, ele espera um aumento nas estruturas de vigilância e nas medidas de controle estatais, como as que estamos atualmente vendo surgir globalmente no decorrer da pandemia do coronavírus. Veja: (NETTLAU, maio 1914, p. 39); Em tradução alemã: Nettlau: Anarchismus: Kommunistisch oder individualistisch?, (ver nota. 25), p. 70f

NETTLAU, Max. *Élisée Reclus. Anarchist und Gelehrter (1830-1905)*. Berlin: Verlag „Der Syndikalist“, 1928.

NETTLAU, Max. Nie wieder Diktatur, in: *Die Internationale. Zeitschrift für die revolutionäre Arbeiterbewegung, Gesellschaftskritik und sozialistischen Neuaufbau* (Berlin). 1. Jahrgang, Heft 9 (Juli 1928), p. 211-213.

NETTLAU, Max. Nie wieder Diktatur, in: *Die Internationale. Zeitschrift für die revolutionäre Arbeiterbewegung, Gesellschaftskritik und sozialistischen Neuaufbau* (Berlin). 1. Jahrgang, Heft 10 (August 1928), p. 234-236.

NETTLAU, Max. Der geistige Faktor im menschlichen Befreiungskampf, in: *Die Internationale. Zeitschrift für die revolutionäre Arbeiterbewegung, Gesellschaftskritik und sozialistischen Neuaufbau* (Berlin). 3. Jahrgang, Heft 9, jul. 1930. p. 206-211

NETTLAU, Max. Gedanken zur Lage, in: *Die Freie Gesellschaft* (Darmstadt/Land). 3. Jahrgang. Nummer 15, 1951.

NETTLAU, Max. Biographische und bibliographische Daten, 16.-18. 3. 1940. In: JONG, Rudolf de. Biographische und bibliographische Daten von Max Nettlau, März, 1940, In: *International Review of Social History*, Assen, Band 14. Nummer 3, 1969, p. 447-482.

NETTLAU, Max. *La anarquía a través de los tiempos*. Madrid: Ediciones Júcar, 1978.

NETTLAU, Max. *Geschichte der Anarchie*. Band 4: Die erste Blütezeit der Anarchie: 1886- 1894. Vaduz: Topos Verlag, 1981.

NETTLAU, Max. *Geschichte der Anarchie* – Band 1. Der Vorfrühling der Anarchie. Ihre historische Entwicklung von den Anfängen bis zum Jahre 1864. Werkausgabe. Herausgegeben von Jochen Schmück. Potsdam: Libertad Verlag, 2019.

NETTLAU, Max. Anarchismus: Kommunistisch oder individualistisch? Beides. (1914). Ein Schlüsseldokument des „Anarchismus ohne Adjektive. Traduzido do inglês, editado e com introdução de Jochen Schmück. In: *Espero*. Libertäre Zeitschrift (Potsdam), Nr. 0, jan. 2020, p. 47-80.

RECLUS, Élisée. Préface. In: NETTLAU, Max. *Bibliographie de l'Anarchie*. Bruxelles: Bibliothèque des Temps Nouveaux. Nr. 8, Paris: P.-V. Stock, 1897.

ROCKER, Rudolf: *Max Nettlau*. Leben und Werk des Historikers vergessener sozialer Bewegungen, Berlin: Karin Kramer Verlag, 1978.